



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
ESPECIALIZAÇÃO EM HISTÓRIA CULTURAL

MARIA ZENAIDE DA COSTA CARVALHO

**FESTA RELIGIOSA E MEMÓRIA
NA CIDADE DE CAIÇARA – PB (2000 -2012)**

GUARABIRA /PB

2012

MARIA ZENAIDE DA COSTA CARVALHO

**FESTA RELIGIOSA E MEMÓRIA
NA CIDADE DE CAIÇARA – PB (2000 -2012)**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de História da Universidade Estadual da Paraíba como requisito para obtenção do título de Especialista em História Cultural, sob orientação do professor MS. Flávio Carreiro de Santana.

GUARABIRA/PB
2012

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

C331f

Carvalho, Maria Zenaide da Costa

Festa religiosa e memória na cidade de Caiçara – PB
(2000-2012) / Maria Zenaide da Costa Carvalho. –
Guarabira: UEPB, 2012.

37f. Il.: Color.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em
História Cultural) – Universidade Estadual da Paraíba.

“Orientação Prof. Ms. Flávio Carreiro de Santana”.

1. Cultura 2. Tradição Religiosa 3. Memória

I. Título.

22.ed. CDD 306

MARIA ZENAIDE DA COSTA CARVALHO

**FESTA RELIGIOSA E MEMÓRIA
NA CIDADE DE CAIÇARA – PB (2000 -2012)**

Aprovada em: 20/ junho /2012.

BANCA EXAMINADORA



Prof. MS. Flávio Carreiro de Santana (Orientador)



Dra. Alômia Abrantes da Silva (Examinadora)



Profa. Dra. Marisa Tayra Teruya (Examinadora)

A Deus pelo dom da vida, fonte de todo poder que nos faz perseverar, apesar das adversidades do dia-a-dia. À minha família, base forte e aconchego.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que nos impulsiona sempre para a realização dos nossos sonhos;

A os professores do curso de Especialização;

À minha família, que sempre me deu o apoio possível para eu conseguir realizar meu objetivo;

A Professora Marisa Tayra, a quem dedico minha admiração e respeito, a qual sempre acreditou na minha competência e me incentivou em um momento crucial da minha vida acadêmica;

A professora Alômia Abrantes pela delicadeza de ter aceito apreciar esse trabalho.

Especialmente ao professor e orientador Flávio pela paciência em me ajudar na orientação e conclusão deste trabalho;

A todos que estiveram ao meu lado durante o processo de construção desse objetivo, meu muito obrigado.

CARVALHO, Maria Zenaide da Costa. FESTA RELIGIOSA E MEMÓRIA NA CIDADE DE CAIÇARA – PB (2000 -2012)

Banca Examinadora: Dra. Marisa Tayra Teruya
Dra. Alômia Abrantes da Silva

Orientador: MS. Flávio Carreiro de Santana

RESUMO

Este trabalho traça a trajetória da formação religiosa cultural da Festa de Reis na cidade de Caiçara-PB, mostrando a riqueza da diversidade e cultura popular deste evento. Procura retratar a importância dos festejos para o povo da cidade, do ponto de vista sócio-econômico e cultural, e para o visitante que, ao participar da Festa, vivencia a identidade e a cultura popular através do enfoque na religiosidade e no profano. Este festejo é promovido pela Igreja Católica com a intenção de arrecadar dinheiro para custear a manutenção da paróquia e promover a confraternização da comunidade, permitindo que com o decorrer dos anos a população reconheça a importância do crescimento destas realizações, e que a própria população reconheça que a festa é um evento importante e que contribui para manter a tradição da história da cidade e para o comércio.

Palavras Chave: Cultura; Tradição Religiosa; Caiçara.

ABSTRACT

This paper traces the cultural history of the religious background of the Feast of Kings in the city of Rascal-PB, showing the richness of diversity and culture of this popular event. Seeks to portray the importance of the festivities for the townspeople, from the standpoint of socio-economic and cultural development, and for the visitor who, by participating in the festival, experiences the identity and popular culture by focusing on the religious and the profane. Concludes proposing actions that might beckon the development of religious tourism, cultural Rascal, with the local community. This celebration is sponsored by the Catholic Church with the intention of raising money to fund the maintenance of the parish and to promote the fellowship of the community, allowing that over the years the population recognizes the importance of growth of these achievements, and that the people themselves recognize that the party is an important event and it helps maintain the tradition of the city's history and trade.

Keywords: Culture, Religious Tradition

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1. INTRODUÇÃO..... | 09 |
| 2. HISTÓRIA DE CAIÇARA..... | 11 |
| 2.1 ASPECTOS GEOGRAFICOS DO MUNICIPIO..... | 11 |
| 2.3 ORIGEM DA FESTA DE REIS EM CAIÇARA..... | 15 |
| 2.4 A FESTA E A TRADIÇÃO RELIGIOSA DO POVO CAIÇARENSE..... | 21 |
| 3 A IGREJA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO..... | 25 |
| 3.1 A PROCISSÃO DE REIS A NOSSA SENHORA DO ROSARIO..... | 28 |
| 3.2 A MISSA E AS TRADIÇÕES E ONTEME E DE HOJE..... | 28 |
| 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 33 |
| REFERENCIAS..... | 35 |
| ANEXOS..... | 36 |
| ENTREVISTAS..... | 37 |

1. INTRODUÇÃO

A religiosidade do povo brasileiro reflete as características da colonização do país, onde claramente se observa a miscigenação de crenças do índio, do negro e do “branco” colonizador. Vale ressaltar que a catequese feita pelos missionários franciscanos, carmelitas, beneditinos e jesuítas, levou ao predomínio do catolicismo no Brasil, assumindo um papel dominante na história religiosa do povo brasileiro. Em Caiçara-PB, esta religiosidade se faz presente através de manifestações de adoração a Nossa Senhora do Rosário, padroeira dos caiçarenses. Este trabalho tem a importância de compreender as mudanças que a festa vivencia, no decorrer dos anos 2000-2012.

Fizemos o uso e referências bibliográficas para melhor compreensão do tema, e também foi utilizada a metodologia da história oral, coleta de dados com populares, abordando o envolvimento e a importância simbólica da festa para a comunidade.

Segundo a autora Sandra Jatahy Pesavento, pode-se dizer que a proposta da história cultural seria decifrar a realidade do passado por meio das suas representações, tentando chegar àquelas formas, discursivas e imagéticas. Pelas quais os homens expressam a si próprio e o mundo:

No campo da História Cultural, o historiador sabe que a sua narrativa pode relatar o que ocorreu um dia, mas que esse mesmo fato pode ser objeto de múltiplas versões. A rigor, ele deve ter em mente que a verdade deve comparecer no seu trabalho de escrita da História como um horizonte a alcançar, mesmo sabendo que ele não será jamais constituído por uma verdade única ou absoluta. O mais certo seria afirmar que a História estabelece regime de verdade, e não certezas absolutas (PESAVENTO, 2005, p51).

Dentro deste contexto, objetivando traçar a trajetória da identidade da Festa de Reis que tem a finalidade principal homenagear a padroeira nossa senhora do Rosário, entendendo-a como representação da cultura e memória da cidade de Caiçara.

Neste trabalho, observa-se o sagrado e o todo o simbolismo do misticismo que fazem parte da vida do homem desde os primórdios da humanidade, buscando expressar suas

crenças através das mais variadas formas, constituindo-se, sobretudo em nosso país, de um sincretismo religioso de grande riqueza cultural. Nesse festejo, nos chama a atenção a temporalidade com mais de cem anos de manifestação, pela durabilidade do sagrado e do profano, e pela preservação de sua história e identidade, traçando uma trajetória histórica, religiosa e cultural da festa de reis da cidade de Caiçara.

A cultura seria então segundo Chartier (1990) uma construção social que dá sentido a realidade um determinado povo historicamente datado e localizado. Completando essas indicações, o autor chama atenção que a cultura seria nessa idéia a tradução da realidade através de formas simbólicas, dando sentidos as palavras, as coisas e as ações produzidas pelos grupos humanos.

Portanto, com este trabalho, esperamos possibilitar a ampliação da compreensão sobre a contribuição da memória e das práticas culturais para a construção de uma identidade cultural, e também através dele buscamos a idéia de preservação e valorização da Festa de Reis enquanto uma construção histórica, manifestação religiosa e cultural do povo de Caiçara.

Quanto à metodologia empregada, é importante destacar que abordo o meu objeto de estudo através de método etnográfico, (pesquisa qualitativa), incorporando as técnicas de observação direta e participativa, completadas com a realização de entrevistas e com a produção de imagens fotográficas. Destaco que entendo a observação participante como uma importante técnica de pesquisa, pois se trata de um processo pelo qual se mantém a presença do observador uma situação social com a com a finalidade de realizar uma investigação científica. O observador está em relação face a face com os observados e, passa a participar da vida de todos e do seu cenário cultural.

2. História da Cidade

2.1 Aspectos Históricos

Segundo Severino Ismael da Costa, em seu livro **Caminhos de Almocreves** (1990), a colonização de Caiçara tudo começou por volta do ano de 1822: dois homens com suas respectivas famílias, o Sr. Manoel Soares da Costa e o Sr. José Vicente, decidiram fixar residência às margens direita do rio Curimataú. Pequenas casas currais e até uma capela (capela Nossa Senhora do Rosário) foram construindo. Dava-se início aí uma pequena formação de um povoado, que pouco mais adiante ganhou o nome de Villa de Caiçara.

O crescimento da cidade vinha ocorrendo desde sua fundação. Em 1822, Manoel Soares da Costa e seus familiares fizeram suas casas, seus currais de pau-a-pique e uma capela: era a fundação da Cidade “Caiçara”, termo que significa um tipo de cerca indígena e passou a ser apelido dos currais. O sítio se tornou caminho dos almocreves que vinham da feira de Mamanguape-PB para Nova Cruz-RN, servindo como passagem dos tropeiros no domingo, logo atrairia as pessoas das redondezas para sua feira.

A dependência política que Caiçara tinha da Serra da Raiz-PB, incomodava os caiçarenses e estes queriam ver Caiçara como uma cidade, conseguindo a aprovação da Lei de emancipação em 6 de dezembro de 1883. Porém, 10 meses depois, os políticos da Serra da Raiz conseguiram revogar tal lei. Passaram-se mais de 24 anos para que as lideranças políticas conseguissem novamente restaurar o município, o que se deu em 7 de novembro de 1908, tendo como primeiro prefeito Antonio Florentino da Costa Miranda.

Antonio Costa Miranda quando foi Prefeito de Caiçara mostrou que a cidade é um município rico em cultura, terra do saudoso Maestro Joaquim Pereira, da orquestra sinfônica da Paraíba e da Agulha Negra do Rio de Janeiro, conhecido mundialmente pela composição do dobrado “os flagelado”, dentre outros.

Por este motivo é que o município tem atualmente duas bandas (Banda Maestro Joaquim Pereira e Banda 7 de novembro). Caiçara conta com uma quadrilha junina (Nação

Nordestina) que tem se destacado em todo o estado da Paraíba, e também no Rio Grande do Norte, sendo atualmente a melhor do Brejo e a quinta melhor do Estado.

O município conta ainda com vários músicos, artesãos, grupo de música, danças, teatro, uma oficina de artesanato em parceria com a UFPB (Universidade Federal da Paraíba), associação beneficente Severino Félix da Silva, (02) duas ONG's, sendo uma esportiva "Caiçara Tigres" "Atitude", que desenvolve projetos educacionais. Tem vinte e três escolas, sendo 17 municipais, 03 estaduais e 03 privadas, além de belas praças, do parque da lagoa, de inscrições rupestres (Sítio Riacho Preto), de um hotel (03) três estrelas, da Pedra do Pão-de-açúcar, Rádio comunitária "Cidade Marquesa FM" e o Rio Curimataú. Caiçara no ano de 2008 comemorou o seu 1º centenário.

2.2 Aspectos Geográficos do Município

O município de Caiçara está localizado na Mesorregião do Agreste Paraibano e na Microrregião de Guarabira. "Encontra-se em média a 150m acima do nível do mar, e tem as seguintes coordenadas geográficas: 6°, 37' e 50" (seis graus, trinta minutos e cinquenta segundos) de latitude sul. "E 35°, 23' e 50" (trinta e cinco graus, vinte e três minutos e cinquenta segundos) de longitude Oeste, encontra-se 128km, de distância da capital do Estado João Pessoa. O município apresenta os seguintes limites: a leste – com Lagoa de Dentro, Jacaraú e Duas Estradas, a oeste, com, Campo de Santana, a sul com Belém e Serra da Raiz e a norte com o Estado do Rio Grande do Norte como mostra a figura abaixo:

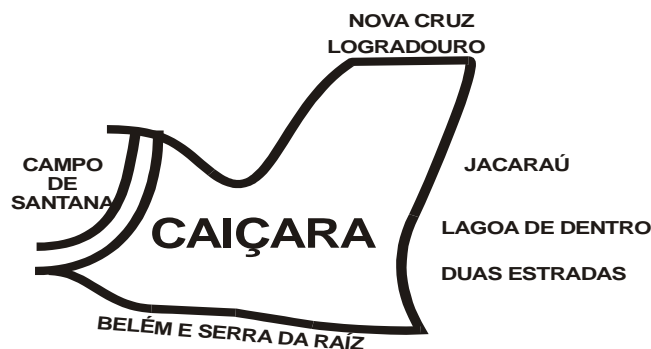


Figura 1

Fonte: Arquivo Prefeitura Municipal de Caiçara: 2000.

Possui uma área de 129,4Km². O clima é predominantemente quente e seco com temperaturas variadas entre 25° e 34° e a pluviosidade de 400 mm anual. A vegetação predominante é a caatinga e a hidrografia compreende os rios pertencentes à bacia de Curimataú, o qual corta o município do sentido Sul-Norte e é um dos rios mais importantes do Estado. A economia é baseada na agricultura de subsistência e nos serviços com destaque para o funcionalismo público e o comércio.

O município tem uma população de 7.314 habitantes. De acordo com dados do censo demográfico do IBGE, 2010 (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

Está localizado numa área de terrenos ondulados, destacando-se a Serra da Raiz, integrando a Cordilheira da Cupaóba. A maior parte da região está sobre um extenso lençol granítico.

A formação vegetação do município é a do agreste acatingado com espécies caducifólias, espinhosas cactáceas. Encontram-se também espécies da mata úmida. Que lhe dá um caráter de transição rala com predominância de xerófitas .

Os açudes existentes no município são relativamente pequenos e muitos deles não acumulam água suficiente para atender a necessidade da população durante todo o verão.

Existe o rio Curimataú, com curso periódico, e que ainda assim, fornece água através de cacimbas, na época do verão, para a policultura e pecuária.

No tocante aos meios de comunicação, a cidade de Caiçara conta com os serviços de telefonia pública além do sinal de alguns de telefonia celular. A cidade dispõe ainda, dos serviços dos Correios, sinal de rádio Fm, circulação dos Jornais Correio da Paraíba, O Norte e do sinal das principais canais de TV do estado.

A infra-estrutura do município é razoável, tendo a maioria das suas ruas e avenidas pavimentadas. A cidade é ligada pela PB- 055 ao anel do Brejo. O abastecimento de água é feito pela CAGEPA (Companhia de água e Esgoto da Paraíba) que atende a toda a população. E o abastecimento de energia é feito pela ENERGISA (Energisa Paraíba - Distribuidora de Energia S/A), atendendo a quase 98% da cidade com os serviços de fornecimento de energia.



Foto: Eugenio Marques- Imagem panorâmica do Município de Caiçara-PB (2008)

2.3 Origem da Festa de Reis em Caiçara

A tradicional Festa de Santos Reis ou “Festa De nossa senhora do Rosário”, como também é chamada, começou com a comemoração da chegada da imagem de Nossa Senhora do Rosário, vinda de Portugal, em 6 de janeiro de 1872. A Igreja vinha passando por uma reforma desde 1869 e depois de ter sido trazida em procissão do Porto de Salema, em Mamanguape-PB, a imagem foi recebida com uma grande festa.

A palavra festa: vem do latim e significa: reunião, alegria para fim de divertimento; o conjunto das cerimônias com que se celebra qualquer acontecimento; solenidade, comemoração; dia santificado, de descanso, de regozijo; comemoração litúrgica, solenidade da Igreja; romaria e também se relaciona a trabalhadeira, cuidados e barulho.

Para Brandão (1999), a festa está intimamente relacionada às únicas, raras e repetidas situações da vida. As comemorações são enfatizadas pelas sociedades em menor ou maior grau dependendo das situações. Nas cidades médias e grandes as comemorações ou festas cívicas, históricas e profanas são mais relevantes, enquanto locais e religiosas são as mais importantes.

A festa em louvor a Nossa Senhora do Rosário em Caiçara tornou-se um evento grandioso, de importância religiosa e econômica, tornando-se hoje o principal fenômeno turístico na cidade, tendo em vista a quantidade do público que participa da festa todos os anos.

A origem da devoção a nossa senhora do Rosário é muito antiga, mas sua propagação tomou impulso com São Domingos que FAE do Rosário sua poderosa arma para combater a heresia dos albigenses, isto no início do século XIII, onde a tal heresia crescia vertiginosamente na França. Fundou a ordem dominicana e por sua intensa propagação, a igreja lhe conferiu o título de Apostolo do santo Rosário. Existem, inclusive, certas versões históricas que afirmam ter nossa senhora aparecidas a São Domingos segurando o menino Jesus no colo e oferecendo-lhe o santo Rosário, e cuja propagação e divulgação teriam tomado impulso por pedido pessoal de Maria Santíssima. A santa devoção atravessou os séculos sempre com o empenho da santa Igreja de difundi-lo. Tem virtude de excitar e nutrir em nós o recolhimento, pondo-nos em contato com os mistérios da nossa religião. (Pe. João Batista Lehmann, Editora lar católico- Minas Gerais, 1959.)

Uma coincidência marcou para sempre a origem da festa. O dia 6 de janeiro é o dia de Santos Reis, homenageando os três Reis Magos que visitaram o menino Jesus, porém, em Caiçara, embora leve o nome de “Reis”, a festa é em homenagem a padroeira. O dia da santa, no calendário católico, é 7 de outubro. (COSTA, 1990,p 157).

A programação religiosa da festa começa nove dias antes quando são realizadas as novenas de Reis. No seu princípio, a festa de rua já chegou a acontecer paralelamente à novena. Eram nove noites de festas e cada fazendeiro patrocinava uma delas. Nessa época, até os índios Tapuias, que ainda moravam nos arredores, comparecia com seus trajes típicos religiosos, realizavam suas danças. Porém, na maior parte da sua história ela aconteceu em apenas uma noite na rua e a outra era o baile.

A partir de 1998 a festa de rua passou a ter duas noites 4 e 5 de janeiro. Nesse primeiro centenário, esta sempre foi à principal festa da cidade. Anteriormente, ela era ainda mais prestigiada: homens, mulheres e crianças se preparavam com muita antecedência para o grande evento. As roupas eram a principal preocupação e, como naquela época não se vendia roupa pronta, os alfaiates eram muito procurados, além daqueles residentes na cidade, outros vinham para Caiçara aproveitar as festividades.

O primeiro dia de festa é marcado pela apresentação da banda de música da cidade no pavilhão central também se apresentam bandas locais valorizando a cultura dos músicos caiçarenses.

A Igreja de Nossa Senhora do Rosário abre suas portas para receber de volta os devotos mais fervorosos, que geralmente aproveitam a Procissão, para pagar as promessas feitas a Nossa Senhora do Rosário, e o povo paga suas promessas acompanhando a procissão com pedra na cabeça ou pés descalços. No palco armado na calçada da Igreja o pároco local e demais autoridades civis e religiosas da cidade recebem a procissão com cânticos e muitos fogos de artifícios, aplausos e aclamações de “Viva Nossa Senhora do Rosário”. Paralelo às celebrações religiosas, a cidade é contagiada pelo lado sagrado e profano.

Há cem anos, a festa era iluminada por candeeiros ou lamparinas que queimavam óleo de mamona, além de enormes feixes de uma madeira chamada facheiro, que eram colocadas em pé, em buracos cavados ao lado das barracas e que queimavam a noite toda, a fumaça chegava a incomodar.

Em seu livro “Eu, Zé de Don”, o Sr. José de Oliveira Costa, irmão de D. Catarina do Cartório, traz um interessante relato sobre a participação das crianças nas Festas de Reis do final dos anos 20. Segundo ele, os meninos ficavam ansiosos com suas moedinhas de “cem réis” (tostão) e vinténs, presentes dos pais e “festas” recebidas dos padrinhos, em virtude da benção solicitada pelo afilhado. Acompanhados de um adulto da família, eles partiam para os pequenos botequins de palha e ramos, construídos de madeira rústica ou simples banquinhos e malas espalhadas pela rua principal. Não existiam refrigerantes, nem sucos, e sim a “gasosa” e a “cidra”, extraídas dos próprios frutos e vendidas em garrafas com suas cores naturais. (COSTA, 1990, p158-159).

O autor ainda conta que O ‘alfenins’ era uma das comidas típicas mais esperadas da festa, que se tornou tradição da festa, eram trazidos por comerciantes em baús de madeira forrados. Nas barracas também eram comuns o bolo pé-de-moleque, doce seco ou “beira-seca”, tapioca molhada no leite de coco, Pão recife, cocada de rapadura, pirulito e, para completar, o famoso “capilé”, um preparado com água e suco de frutas ou leite de coco. Outra atração para a meninada eram as castanhas de caju, simples ou açúcaradas.

Até hoje, os alfenins, ainda em parte da tradição como é contado nesse depoimento:

O Alfenim é um doce feito de goma e açúcar muito saboroso é uma das principais tradições da festa, tem de várias formas bonecos, cachimbo, cavalo, flor e os maiores geralmente são na forma de boi. [...] Eu desço cedo todos os para a festa com meus netos para comprar e escolho os maiores e mais bonitos, é um hábito das famílias darem uma “voltinha” com suas crianças nos parques e comprar seus alfenins. (EDNALDO, 2012).

O parque de diversão, é a atração que marca a tradição da festa, durante certa época, tivemos um da cidade mesmo, era o parque de Cazuzza de Itabaiana. O carrossel e a roda gigante são os brinquedos que tradicionalmente mais fizeram a festa das crianças. A presença do Parque é garantida todos os anos presença, com suas rodas gigantes, carrossel, canoas e demais brinquedos, sendo atrativos constantes. Embora se faça presente anualmente, é sempre como se fosse a primeira vez, assim como a barraca de tiro ao alvo e o vendedor de bexiga, tipo bem grande que fazem a alegria das crianças.

As músicas, tocadas pelo som do Parque, são oferecidas de alguém para alguém. As crianças são uma preocupação financeira para os pais, pelo que gastam nos parques e querem também os brinquedos que vende na festa. (COSTA, 1990, p.160). Como mostra a foto abaixo:



Foto: Parque de diversão (2012).

Segundo depoimento de Dona Maria Das Graças que freqüentava a festa quando adolescente conta que:

O parque é a melhor atração da noite, lembro de quando eram adolescentes todos os moradores sai para ver as novidades e tipos de

diversões, o parque é considerado o mais divertido, ficava curiosa para saber se vinha parque diferente, a roda gigante era o que mais eu gostava, lá era o ponto principal pra arranjar um namorado, eu ficava olhando os namorados quando chegava lá em cima que a roda parava e o casal ficava na parte mais alta, eles aproveitavam para se beijar escondidos e curtindo a música do som do alto falante da roda gigante, muitas vezes oferecidas do namorado para namorada. (Maria das Graças, 2012)

Na Festa de Nossa senhora do Rosário podemos perceber o sagrado e o profano, a beata, a prostituta e o bêbado convivem numa miscigenação pautada pelo respeito mútuo.

A alvorada tocada pela banda de música pelas ruas da cidade sempre provocou um emocionante despertar para os moradores, além de antecipar o clima da festa. Nos últimos anos na madrugada da véspera alguns violeiros saem pelas ruas da cidade, fazendo parada nas casas de alguns moradores mais importantes da cidade.

A tradição das garçonetes também é muito antiga. Como conta ainda em depoimento: As garçonetes saíam da casa do prefeito, junto com a banda de música eram elas quem atendia as mesas e serviam dentro do pavilhão da festa. Durante certo período foi tradição elas saírem da casa do Capitão Rosendo Soares, cada qual com seu paraninfo e todo ano trajavam um modelo de roupa diferente. Dependendo da época, outras personagens se tornaram comuns na festa.

Tinham as soldadas que colocam os senhores em cercadinho (caritó), imitando uma prisão, e para sair eles tinham que pagar a cota. Houve também a época em que as moças lançavam fitas por cima do ombro do participante e ele também tinha que pagar. Havia as telegrafistas, as mensageiras e as posta listas, que podiam levar recadinhos de uma mesa para a outra dentro do pavilhão ou ofertar canções para a moça pretendida. Porém esta tradição das garçonetes foi esquecida por uns anos. (Maria, 2012)

Segundo depoimento de pessoas que fazem parte da comissão organizadora da festa, todo dinheiro era para igreja, mas antes de 2005, o bar do pavilhão ficou sob a organização da Quadrilha Nação Nordestina, que se apresentava durante as festas juninas em todas as cidades do brejo paraibano e também no Rio Grande do Norte e este dinheiro seria arrecadado para as despesas não existiam garçonetes uniformizadas com antes, quem serviam as mesas eram os componentes da quadrilha

Então, sob a administração do Prefeito Hugo Alves, que houve o resgate dessa tradição: as garçonetes voltaram usar modelos iguais parecidos com os modelos antigos mais com um toque de modernismo e atender as mesas dentro do pavilhão e toda renda seria para ajudar nas despesas da igreja.

Conta também da retomada dos leilões que havia acabado. Geralmente nos leilões, eram arrecadados, animais para leiloar durante a festa. Como conta Mazinho em seu depoimento:

O leiloeiro da época se destacava pela sua voz. Lembram alguns: Seu Madruga, João Estevam, Renato de Cazuza, Mazinho, Antonio Moreira, Chico Bernardino, “Jajá do Pastel”, “Fernando de Grace” e “Beto da Borracharia”. (...) Perguntei o dinheiro arrecadado na festa?
R. sim, era pra comprar as coisas e ajeitar a igreja. (MAZINHO,2012).

A banda de música sempre marcou presença na festa. Mesmo quando a “7 de Novembro” não estava na ativa, vinha à banda da polícia do estado, ou contratadas, principalmente da Serra da Raiz e de Picuí. Antes, a banda apresentava-se num coreto de madeira que era montado especialmente para a festa, depois, a partir de 1932, no coreto de alvenaria e, depois da sua demolição, passou a se apresentar dentro do pavilhão.

O baile da Festa de Reis era realizado nos antigos clubes ou salões de festas, geralmente armazéns de comerciantes da época. Os últimos nesse estilo foram no Centro Comunitário “Severino Cavalcanti”, até 1999. O clube ficou pequeno para o baile e de 2000 a 2004 eles se realizaram na quadra de esportes e, desde 2005, todos são realizados no Ginásio de Esportes “O Luizão”.

Uma das mudanças notáveis dos bailes foi no repertório. Desde a segunda metade dos anos 90 o forró passou a ter a preferência, principalmente da juventude e, para agradar a maioria, deixamos de ter as características “bandas de baile”.

Relembrando algumas das atrações das últimas Festas de Reis: Calcinha Preta(2000); Delírios e Amazam(2001); Anthares, Luará e Valquíria Santos(2002); Palov, Aveloz e Nordestinos do Ritmo(2003); Luará, Cintura de Pilão e Tom Oliveira(2004); TJ Show, Cintura de Pilão, Zé Carlos e Cheiro de Menina(2005); Zé da Viola, Aveloz, Tailson e Naide Star, Ferro na Boneca e Mastruz com Leite; TJ Show, Paroara do Acordeom, Pai d’Égua, Brasas do Forró, Cavaleiros da Noite e Eliane; Pai d’Égua, Brilho da Paixão, Paroara do

Acordeom, Cavalo de Pau, TJ Show e Magníficos (2008); Limão com Mel(principal atração de 2009).(FESTAS 2006/2007)

Por fim, desde a decadência do algodão e do agave com a conseqüente saída de muitos filhos de Caiçara, seja para trabalhar no Rio e São Paulo, seja de famílias tradicionais que se deslocaram para João Pessoa para estudar, mas sempre voltavam para visitar as famílias no período da festa. A Festa de Reis se tornou na verdade uma festa de grandes reencontros. São dias para matar saudades dos parentes e amigos distantes e junto com eles recordar a Caiçara de cada um.

Geralmente essas pessoas escolhem a semana da festa para visitar parente e amigos, trazem filhos e amigos para conhecer a cidade e para eles é um momento especial, muitos passam o ano todo trabalhando no Rio de Janeiro ou qualquer outra cidade em que estejam, passa o ano economizando para gastar no dia da festa.

Segundo relatos de pessoas que visita a festa a maioria volta à cidade por preservar suas raízes e que só assim é possível reviver o passado através de lembranças que não desaparecem, mesmo com o passar dos anos a cidade consegue preservar a memória local embora tudo mude mais as lembranças de infância continua. Enfim, essa é a mais caiçarense das festas da cidade. Pois a segunda maior é a festa de São Pedro comemorada no dia 29 de junho em homenagem ao santo, que antes era muito comemorada nos sítios. Em 1990, sob a administração do prefeito George Neves, tornou-se em uma grande festa de rua, quem teve a idéia da festa foi à esposa do prefeito que se chamava Haydéia, foi muito bem aceita pelos Caiçarenses e pessoas das cidades vizinhas.

Uma das características da História Cultural foi trazer à tona o individuo como sujeito da História, recompondo histórias de vida, particularmente daqueles egressos das camadas populares. (PESAVENTO, 2005, p.118).

A festa da padroeira marca profundamente a vida cotidiana dos Caiçarenses, vinha muita gente de fora, pessoas que já moraram aqui, vem todo ano, parece à festa do reencontro, é uma das festas mais esperada pelos Caiçarenses, quando tudo termina a cidade fica vazia , tem um valor simbólico, lugar de saudade e de memória já mais esquecidos mesmo com o passar dos anos tudo continua, mesmo que haja mudanças, mais o passado continua gravado na memória de cada um.



Foto:Pavilhão central onde acontece a festa. 2012

2.4. A festa e a tradição religiosa do povo Caiçarense

Em toda a sua história, a religiosidade foi um traço forte do caiçarense e a religião católica foi predominante. Foi um padre, o jesuíta Francisco Pinto, quem selou paz entre os colonizadores portugueses e os índios Potiguaras, em 1599, pondo fim a 25 anos de conflitos na região da Cupaóba, onde iria surgir Caiçara.

Entre 1869 e 1872, tendo a frente ou Padre Herculano ou Padre Ibiapina, a capela foi praticamente reconstruída. Foram erguidas paredes de pedra, com mais de um metro de espessura e oito a dez metros de altura; a frente passou a ter três portas e uma torre do lado direito. Os corredores laterais foram construídos nos anos 1910 e a 2ª torre em 1938.

A reforma tinha um motivo especial, recepcionar a imagem de Nsa. Sra. do Rosário. A imagem foi encomendada pelos filhos de Manoel Soares. Vinda de Portugal, ela chegou ao Porto de Salema, em MamanguapePB, no início de 1872. O porto ficava a mais de 40 quilômetros de Caiçara e o transporte deveria ser feito em carro de boi, porém a devoção do povo fez com que a trouxessem até Caiçara em procissão de distrito em distrito.

Sua chegada, em 6 de janeiro, dia em que comemoramos a visita dos três Reis Magos ao menino Jesus, foi uma grande festa em Caiçara, inesquecível para todos que testemunharam. Desde então, mesmo o dia de Nsa. Sra. do Rosário sendo em 7 de outubro,

aqui a “Festa do Rosário” misturou-se com a “Festa de Reis” e tornou-se a maior festa de Caiçara.

A empolgação com a chegada da imagem foi tanta que o Padre Ibiapina sugeriu que a vila passasse a se chamar “Marianópolis”, a cidade de Maria, mas a proposta não foi aceita. Provavelmente, também foi Ibiapina quem sugeriu que “Gengibre” passasse a se chamar “Belém”, que “Serra da Raiz” se chamasse “Jerusalém”, e que “Anta Esfolada” passasse a se chamar “Nova Cruz”.

Desde então Caiçara só viu crescer a sua devoção a Virgem do Rosário. O ano 2000 é outro marco importante dessa devoção, a criação da Paróquia de Nsa. Sra. do Rosário foi marcada por uma reforma no templo e a restauração da imagem da santa. Outras grandes homenagens estão prestadas no hospital que leva o nome da Virgem, no “Comercial Nsa. Sra. do Rosário”, de Adolfo Frazão; no monumento de Nsa. Sra. do Rosário e na criação do 1º bairro da cidade, que também leva seu nome.

Em seus primórdios, a Festa do Rosário já chegou a ocorrer durante nove dias, período da novena, porém, a tradição que se manteve durante quase toda a sua história foi a da festa de rua no dia 05 e o baile no dia 06. Desde 1998, foi acrescentada a comemoração também no dia 04.

A festa já teve muitas tradições ao longo desses 139 anos, como a das garçonetes bem trajadas, que entravam em desfile de braços dados com seus padrinhos; das mensageiras, posta listas e telegrafistas que faziam às vezes de “cupido”; das “soldadas”; dos leilões; do parque de diversões; das serenatas, da alvorada com a banda de música e da banda se apresentando no coreto antes da abertura oficial do pavilhão e, ainda depois, dentro do pavilhão como é hoje. A festa também tem como marcas algumas comidas e bebidas como o “capilé”, o pão-recife e o alfenim.

Porém, a maior atração da festa são realmente os caiçarenses que vêm de todos os cantos do Brasil e realizam emocionantes reencontros com parentes e amigos

Por fim, não podemos esquecer que a devoção a Nsa. Sra. também está eternizada no hino da cidade, com letra de Severino Ismael da Costa e música de Joaquim Pereira, que tem como sua última estrofe:

Marianópolis é o nome que a fé

Nos brindou para nossa alegria

E que todos, de joelho ou de pé,

Rendem graças à Virgem Maria.

As festas religiosas fazem parte da cultura popular brasileira que ao serem preservadas se constituem, quase sempre, em tradição cultural que faz parte da memória dos grupos sociais que a realizam. Essas festas nos levam a refletir sobre a realidade social e sobre a história de uma sociedade. O processo de continuidade da história desses grupos sociais é o centro da discussão dos autores e estudiosos que pesquisam o assunto. O interesse desses grupos sociais pela sua história é que faz manter acesa, o anseio de dar continuidade às manifestações que afloram seus traços e costumes.

Atualmente a maioria das festas tidas como “tradicionalis”, não são na verdade tão recente quanto se imagina. A “tradição inventada”, termo utilizado por Hobsbawn para se referir as tradições criadas, tem um sentido bem amplo, mas que pode ser definido como: Um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica automaticamente uma continuidade com relação ao passado. (HOBSBAWN, 1984, p.09)

Ainda de acordo com o autor. As identidades culturais se transformam para satisfazer as necessidades do turismo como atividade de lazer cultural. Os segmentos que produzem os atrativos, ou que servem de atrativo, seriam as comunidades, que, em razão do turismo cultural, passariam a participar do benefício proporcionado pelo setor, como meio de valorização, tanto subjetivo-emocional, quanto econômico das manifestações, costumes peculiaridades, hábitos e tradições é necessário, entretanto, que haja uma gestão adequada da relação turismo-cultural.

Em anos anteriores a festa possuía atrativa como o "pombo correio" onde o ouvinte pagava um determinado valor em dinheiro para que fosse anunciado seu recado, direcionado á outra pessoa, especialmente os namorados, que desejavam homenagear seus parceiros ou amigos enviando "alfinetadas" para outros colegas. Hoje não vemos mais a tradição do pombo correio.

As atrações que encontramos nas festas dos dias atuais são as barracas de camelôs, vindos de outros estados, na "perspectiva" de prosperar financeiramente. Nota-se também a presença de jogos variados, todos montados para "ludibriar" os que se arriscam no jogo. Ainda podemos presenciar a antiga "barquinha", que driblou as novas tecnologias e é uma das grandes atrações para crianças e adolescentes que freqüentam a festa.

3. A IGREJA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO

A matriz é o marco da fundação da cidade como conta Severino Ismael. A capela original foi construída em 1822, por Manoel Soares e seu cunhado José Vicente no mesmo local onde se encontra a atual, próxima a casa de Manoel. Ela era de taipa e o terreno cedido para a Igreja tinha 30 braças de terra para cada lado e, em virtude das despesas necessárias, as casas construídas dentro dessas braças pagariam "foro" à igreja.

Em torno de 1850 encontrava-se a frente da nossa capela o Padre Hecotônio Pereira da Costa. Alguns anos mais tarde, houve uma ampliação realizada por Francisco da Costa Gonçalves. Entre 1869 e 1872, tendo a frente ou Padre Herculano ou Padre Ibiapina, a capela foi praticamente reconstruída. Ibiapina realmente passou por Caiçara entre 1872 e 1873. Esse religioso chegou a ser deputado federal, porém, decepcionou-se com a política e a partir da década de 1850 engajou-se no trabalho missionário visitando várias vilas do Nordeste e erguendo inúmeras casas de caridade, igrejas, cemitérios, etc. Seu trabalho foi marcante tanto para a organização da Igreja como para a vida das pequenas comunidades e na conscientização do povo. Hoje, seu Santuário, erguido em Santa Fé, município de Arara e os chamados "Caminhos de Ibiapina", são uma justa homenagem a este missionário que pode ser reconhecido como santo.

O templo ficou com 15m de largura por 25 de comprimento, paredes de pedra, com mais de metro de espessura e oito a dez metros de altura; três portas na frente e uma torre do lado direito. A reforma foi coroada com a chegada da Imagem da Padroeira.

Entre os anos 10 e anos 20, D. Germina tia avó de Benjamin da Costa Frazão (Pai de D. Sindá), mandou proceder à nova reforma: acrescentaram-se dois corredores laterais, o coro com uma torre do lado direito onde foram colocados 2 sinos. Foram erguidos dois altares laterais, que nessa época ficavam no final dos corredores, antes do altar-mor: do lado esquerdo o de São Sebastião, cuja imagem original foi substituída por outra maior doada por Manoel Barbosa de Carvalho; e do lado direito, o altar de N. S. das Dores, cuja imagem foi doada pela Irmandade das Dores, tendo a frente Joaninha e sua filha Germina;

No altar-mor temos a imagem do Sagrado Coração de Jesus, doada por Antonio Soares de Oliveira; as imagens de São José e de São Pedro foram contribuições de José Paulino de Carvalho, que também doou bancos em madeira de lei. Em 1938, José Paulino de Carvalho mandou erguer a 2ª torre.

Outra grande reforma se deu em 1950 e foi comandado pelo Padre Epitácio. Foram abertas arcadas entre a nave principal e os corredores, foram derrubados os altares laterais e construídos outros dos lados do altar-mor (como é hoje), só que na direita já havia um altar para Santa Terezinha, construído por José Epaminondas de Araújo, que também doou a imagem da santa, ficaram então três imagens no altar, a 3ª foi a de N. S. da Conceição, doada por Corálio Soares de Oliveira (filho de Antonio Soares). O outro altar também ficou com 3 imagens, além da de São Sebastião, a de N. S. do Perpétuo Socorro, doada por Antonio Ismael de Oliveira e a de São Tarcísio doada por Rozendo Soares. Ainda em 50, com recursos da Festa da Padroeira, o piso foi revestido de mosaicos e o coro foi recuperado.



Foto - Fachada da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário (2008)

Há no seu interior três artísticos altares esculpidos em madeira de cedro, um altar-mor central, com antigo trono da Padroeira que, hoje, abriga a imagem de Nossa Senhora do Rosário. O altar-mor da igreja é em estilo barroco romano.



Foto- altar mor com a imagem de Nossa Senhora do Rosário (2012)

Na época houve até uma sugestão para que nossa cidade passasse a se chamar Marianópolis, a cidade de Maria, mas a proposta não foi aceita. A Santa passou por uma

restauração no ano 2.000, quando nossa cidade passou a ser sede de Paróquia, foi oficializada a criação do 1º bairro da nossa cidade com a denominação de Bairro Nossa Senhora do Rosário a padroeira foi homenageada com um santuário na parte alta do bairro.

No final dos anos 90, a história se repetiu, a igreja passou por uma reforma para receber mais uma vez a imagem da Padroeira que passou por uma restauração. Dentre outras mudanças, o piso do altar foi revestido de cerâmica e o próprio altar foi restaurado com uma pintura que resgatou seus tons antigos.

A última grande reforma, tendo a frente o Padre Germano, iniciou-se em 2008 e ainda não foi concluída. A Igreja ganhou balaustradas laterais e todos os altares e paredes no interior da Igreja passaram por reforma que ganhou uma nova pintura como consta nas fotos acima.

3.1-A Procissão de Reis em Homenagem a Nossa Senhora do Rosário

A procissão configura-se numa caminhada pelas ruas da cidade onde a população de fiéis carrega seu padroeiro em cima de um "andor" (berlinda) construído de madeira, pintado e ornamentado de ramos e flores. O andor é considerado parte fundamental desse traslado, sendo assediado por promesseiros, fiéis e curiosos, que da caminhada participam e que querem carregá-lo. A direção da festa escolhe quatro pessoas para carregar o andor com a imagem de Nossa senhora do Rosário, mas por motivo da distância e do tempo que dura, a procissão, esses carregadores revezam com outros que ficam de sobreaviso.

Na parte da frente, atrás e próximo ao andor, formam-se grandes pelotões, com milhares de pessoas que tradicionalmente participam na procissão da santa. Vários são os objetivos dos que caminham, alguns para pagar promessas feitas à santa, tempos atrás, outros caminham para pedir paz no mundo, alguns pedem solução para problemas familiares. Assim cada um com seu objetivo, porém todos voltados para receber uma provável bênção de Deus a pedido de Nossa senhora do Rosário. Durante a caminhada os moradores que assistiam de suas residências por onde passa a procissão, servem água aos fiéis cansados e com sede. Determinadas pessoas fazem essas caridades para mostrar apreço a santa.

Ao chegar à Igreja Matriz a procissão é encerrada com uma missa campal. Essa missa é celebrada pelo Padre da cidade e assistida por grande número de pessoas que, apesar do cansaço, permanecem até o final do evento. Nessa missa muitos fiéis que acabaram de pagar

promessas por terem alcançado alguma graça da santa, renovam esses pedidos como forma de manter acesa a chama da fé.

Segundo Brandão (1986:p131). As promessas são aspectos da devoção aos santos que demarcam a religiosidade popular que muitas vezes se apresentam não apenas de forma diferenciada do tipo de devoção adotada pela estrutura hierárquica da igreja, mas em contraposição à mesma. A promessa é um instrumento acionado pelo povo na busca de solução de problemas da vida prática e se concretiza através de um acordo entre fiel e a divindade na incapacidade e limitação de realização de um feito ou solução de um problema, o devoto apela pela intervenção divina, através do milagre.

3.2 A missa e as tradições de ontem e de hoje.

O ano religioso começava com o Novenário de Santos Reis: eram nove noites de celebrações que culminavam com a festa religiosa e profana. Nas procissões se destacavam as nossas beatas, que puxavam os cânticos religiosos, sempre com seus véus. Chamavam também a atenção os pagadores e as pagadoras de promessas, com seus pés descalços, percorrendo trecho de joelho, com pedras sobre as cabeças, hoje eles são bem menos comuns. A banda de música sempre acompanhava o cortejo. Sempre houve uma concorrência dos homens para segurar o andor com a imagem. No final, após a celebração da missa, a concorrência até hoje é para pegar flores que ornamentam a santa. Há muitos anos as irmãs da família Neves eram as principais doadoras das belas flores.

Assim quando começou as primeiras missas já estava começando o chamado “Movimento Litúrgico” que pretendia tornar o povo mais participante da missa. Com o tempo os cantos de liturgia começaram a ser traduzidos para português. Mas a grande mudança veio em 1962 com o Concílio Vaticano II, quando o Papa era João XXIII, o “Papa Sorriso”. O Concílio provocou grandes mudanças na Igreja, entre elas, fim da missa em latim.

Segundo Severino Ismael em seu livro: Se viajássemos no tempo e fôssemos para um domingo de missa há cem anos encontraríamos uma situação muito diferente. Se a missa fosse pela manhã, teríamos o movimento da feira em frente à igreja embora, em respeito à celebração, se mantivesse pouco barulho até o final da missa. Seria uma igreja menor, sem os corredores laterais e apenas com uma torre do lado direito. Provavelmente havia poucos bancos antigos, as mulheres da sociedade já tinham suas cadeiras cativas que tinham o nome

de cada uma atrás e ficava na igreja reservada para sua dona. A cadeira tinha um assento móvel que poderia ser levantado e embaixo tinha um apoio para a hora de ajoelhar-se. Todos estariam vestidos da melhor forma possível, os homens da sociedade usavam seus paletós. A maioria das mulheres usava véus, conforme a tradição. À noite, as celebrações eram a luz de velas.

O celebrante seria o Padre Aprígio, que vinha apenas no 1º domingo de cada mês. O padre rezaria a missa de costas e a homilia seria em Latim. Até os coroinhas aprendiam a rezar em latim (ou pelo menos a repetir o que o padre dizia). O Latim, que foi a língua que deu origem ao português, italiano, espanhol e muitas outras, eram usados por ser a língua que conservava melhor a doutrina, as traduções poderiam não ser tão fiéis e a missa tinha que ter caráter universal. Assim o latim era ensinado não só nos seminários como também em colégios públicos.

Entre os meses de fevereiro, março e abril, acontece o período da Quaresma, os 40 dias contados a partir da Quarta-feira de Cinzas até a Semana Santa. Durante todo o período ocorrem celebrações ao amanhecer do dia e muitos já praticam o jejum.

Na Semana Santa muitas, tradições eram praticadas, destacamos algumas: durante toda a semana os ramos usados no Domingo de Ramos eram guardados, pois serviam de remédio; os quadros e espelhos eram cobertos com pano roxo, como acontecia com as imagens da igreja; não se chamavam palavrões; não se corria nem se pisava com força dentro de casa; durante toda semana não se corta lenha.

A partir da quarta os costumes se ampliavam: não se comia carne, apenas peixe; só se andava a pé na quinta e na sexta, nem a cavalo, nem de carro; os casais não “dormiam juntos”; não se tomava banho nem se varria a casa na Quarta de Trevas por que era arriscado entrevar; nada de música ou televisão, a não ser programação religiosa; não se tomava leite, nem se tirava leite nas vacas; não se penteava o cabelo, nem se usava maquiagem, apenas para ir a procissão é que podia pentear o cabelo, e o uso de maquiagem era proibido.

Não se fumava nem se bebia; não se costuravam roupas; o jejum era mais intenso: na quinta só meia xícara de café pela manhã, ao meio dia metade de um pão acompanhado de meia xícara de café e a noite a mesma coisa, o jejum seguia na sexta e até no sábado era o jejum para Nossa Senhora. Hoje muitas tradições foram deixadas de lado, os mais devotos

praticam o jejum, não comem carne e, com algumas variações, mantém algumas poucas tradições. Hoje, a própria Igreja, por exemplo, sempre alerta que não proíbe o consumo de carne.

Depois da Procissão de Reis, a do Senhor Morto, na Sexta-feira da Paixão, é a maior do nosso calendário. Em muitos anos, antes dela, tínhamos a dramatização da Paixão de Cristo. As últimas apresentações vêm sendo realizadas a noite pelo Grupo Senhora e Rainha ou por grupos convidados de outras cidades.

Por falar em Semana Santa, lembra não podemos do episódio que ocorreu em um dos Domingos de Ramos dos anos 60. Quando o povo agitava os ramos durante a missa um enorme enxame de abelhas invadiu a igreja e todos saíram correndo. A mais machucada foi à mãe de Zé de Biu, aquele que depois passou a tocar o sino, ela era deficiente e caiu onde hoje é a rodoviária, foi socorrida por Zé Lopes, ma ainda levou muitas picadas. As abelhas ainda circularam pela cidade, chegando também a provocarem pânico na feira antes de irem embora.

Chega o mês de maio, mês de Maria, e nele todas as noites ocorrem os tradicionais Noitários, sempre homenageando uma instituição, uma rua, um grupo específico, etc. As crianças vestidas de anjinhos são a principal lembrança dessas manifestações. A cada noite aumenta-se um anjo, até o momento mais esperado com os trinta e um anjos coroando Nossa Senhora na última noite do mês. Depois da coroação na matriz e das capelas, a mais tradicional da cidade é a da casa da nossa querida Dona Anália, na “Rua da Aurora”. Os anjos e a coroação fazem parte de uma tradição antiga, como também outra, mais comum nos sítios, a queimagem de flores.

Em junho, assim como em todo o país, nossa Igreja Católica prestigia os santos tradicionais. Sendo Santo Antonio prestigiado com uma festa na comunidade que leva seu nome. O mesmo acontece em agosto com Santa Clara. Em outubro Nossa Senhora volta a ser homenageada nas proximidades do seu dia (20) com a Festa da Colheita. Em dezembro, a celebração do Natal já foi celebrada com festa na comunidade católica. Assim como eram comuns as dramatizações do nascimento de Cristo, que antes eram chamados de Quadros Vivos. As representações foram resgatas e nos últimos anos o Grupo Senhora e Rainha têm mantido a tradição.

Com tanta religiosidade e tradições é claro que também eram e são muito comuns as superstições. Tivemos, por exemplo, muitos episódios de pânico devido a eclipses, principalmente os solares, e a passagem de cometas. Imaginem quanta aflição não devem ter causado às vezes em que o dia escureceu. Em 1910, quando passagem do cometa Halley, muitos imaginaram que seria o fim do mundo, pois saiu à notícia que o cometa teria uma cauda de 100 milhões de quilômetros e asfixiaria a humanidade. Nos anos 80 também um experimento da estação de lançamentos, apelidada de “Barreira do Inferno”, de Natal, provocou por vários dias, um clarão no céu ao anoitecer, tudo mundo ficou espantado.

Um episódio curioso nesse sentido está no livro “Claridades e Sombras”, do escritor serrano Manoel Madruga. Ele conta que em 1861 a Serra foi tomada por uma horrível previsão: às 7 horas da noite do dia 30 de junho o mundo ia se acabar. A cauda de um cometa se chocaria com a terra, o céu ficaria vermelho, línguas de fogo caíam do firmamento trovejante e muito mais. O pânico aumentava à medida que a data se aproximava. Casamentos foram apressados, proprietários se desfizeram de seus bens, ladrões de cavalos confessaram seus crimes, etc. Os moradores da rua passavam os dias e parte da noite rezando na igreja. Na noite fatal a frente da igreja ficou cheia de pessoas ajoelhadas e, na hora prevista, o padre, com o Santíssimo em punho, abençoou a multidão, o sino badalou, todos ficaram de cabeça baixa e ... nada aconteceu.

E importante destacar entre os Caiçarenses a devoção à Maria, diante do estudo realizado, ficou evidente que as rezas, sejam na igreja ou nas residências, fazem homenagem a Nossa senhora. Dentro de suas diversas representações durante as festividades como também no dia a dia, através de orações e novenas, e na utilização de símbolos, como terços e imagens. A devoção a padroeira se junta ao brilho da festa, onde as orações se entrelaçam com os divertimentos, com as brincadeiras e com os preparativos da festa.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Festa de nossa senhora do Rosário simboliza o encontro máximo dos Caiçarenses. Neste período, as ruas da cidade se transformam. Parece até que os corações dos moradores e dos filhos, mesmo os que moram em outras localidades. Não importa onde residam, todos se encontram durante a Festa.

O turismo religioso representa um segmento importante para o desenvolvimento da cidade, esta manifestação do sagrado representa uma realidade reproduzida pelos fiéis para entender e explicar a si mesmos, e a peregrinação é para o devoto o exercício da religião, estas festas nas pequenas cidades de interior é muito importante para economia local, desde que os administradores locais usem toda criatividade em divulgar cada vez mais e tentando manter a tradição, e que esta grandiosa festa precisa ser vista “com olhos de turista”, como diria o escritor Graciliano Ramos.

Esta tradição mantém-se a século, e é o evento anual de registro da história de Caiçara, onde todos fecham suas casas durante os dias de festa e vão para rua. Enfim, a festa de Reis de Caiçara é um evento marcante na vida dos caiçarenses, pois consegue resgatar elementos da cultura nordestina, com seus artesanatos e comidas típicas.

No decorrer do tempo em que pesquisemos sobre a festa realizei visitas pesquisa de campo, coletei alguns depoimentos e informações sobre o contexto geral da festa e percebi que, para os moradores locais, a festa representa o maior momento da cidade e todos se sentem envolvidos pelos festejos, participam ativamente das manifestações religiosas, procissões e missas e tem um grande prazer em receber os parentes e amigos no decorrer do evento.

Os moradores relatam que seria bom se a cidade tivesse melhores condições para acolher os visitantes e reclamam por não ter apoio da prefeitura ou dos políticos e os comerciantes reclamam da infra- estrutura da cidade, e também a preservação em manter os grupos folclóricos.

É inquestionável a grande manifestação de religiosidade e de folclore popular presente na Festa de Reis de Caiçara, sendo evidente a falta de ações capazes de transformar este evento em um atrativo turístico do Estado. Para tanto, se faz necessária a elaboração de um plano estratégico de turismo que envolva a comunidade local os órgãos públicos e privados, para reconhecer e tradição da cidade, presentes neste festejo.

Portanto, considerando a importância da Festa de Reis de Caiçara para os debates sobre a relação entre memória e história culturais, podemos então concluir nossas reflexões afirmando que o estudo aqui apresentado apenas espera sutilmente poder contribuir para incentivo da preservação e valorização das festividades.

5. Referências

- BRANDÃO, C.R. A Cultura na Rua.** Campinas, São Paulo: Papirus. 1989.
- BRANDÃO, Carlos R.** Os deuses do povo: um estudo sobre religião popular. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- CHARTIER, Roger. A História Cultural: entre práticas e representações.** Rio de Janeiro: Bertand, 1990.
- COSTA, Severino Ismael Da. Caiçara, caminhos de almoceves.** João Pessoa: MICROGRÁFICA, 1990.
- HOBSBAWN, Eric; RANGER, A invenção das tradições.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. Horizonte: Autêntica, 2005.
- IBGE-** Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2010.
- MAIOR, Armando Souto. História Geral. São Paulo,** Editora São Paulo, 1978, p. 190.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. Histária e história cultural.** 2ª Edição. Belo.

ANEXO

ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

1- Dados do Projeto

Nome do Projeto: Memória histórica da festa de Reis no município de Caiçara-pb.

Data da Entrevista:

Responsável pela entrevista:

2- Dados do Entrevistado

Nome completo:

Data de Nascimento: Local de Nascimento:

Idade:

Sexo: Estado Civil: Religião:

Grau de Instrução: Endereço Completo:

Perguntas da Entrevista:

1- O que você sabe sobre a origem da festa de Reis?

2- Para você por que surgiu a festa ?

3- Como você ficou sabendo dessas informações?

4- Qual a importância da festa para a Igreja ?

5- Como é sua participação na festa?

6- Como você vê a participação das outras pessoas na festa?

7- Qual a importância da festa para você e para a economia local?

8- Para você o que mudou ao longo do tempo na festa ?

9- Você possui fotografia ou outro material sobre a festa?

10- Você conhece alguém que poderia nos fornecer mais informações sobre a festa?

ENTREVISTAS

Ednaldo Alves, entrevistado em Caiçara no dia 08/01/2012

Maria das Graças Soares,entrevistada em Caiçara no dia 10/01/2012

Josemar de Almeida, entrevistado em Caiçara no dia 10/01/2012